Psicologia da Educação

Educação a Distância
Cruzeiro do Sul Educacional
Campus Virtual

Material Teórico

A Identidade Pedagógica

Responsável pelo Conteúdo:
Prof. Ms Pascoal Ferrari
Profa.Dr Rosana Tosi Costa

Revisão Textual:
Profa. Dr. Patricia Silvestre Leite Di Iório

UNIDADE A Identidade Pedagógica

Nesta unidade, abordaremos a temática da Identidade pedagógica do professor. Perceba que a construção da identidade deste profissional é um processo incessante e que recebe diferentes influências nesta construção. Pensaremos o tema do ponto de vista individual e coletivo.

Daremos destaque à obra de Paulo Freire que nos ajuda a entender melhor a problemática da construção da identidade pedagógica do professor. Observe que a construção do pensamento freireano parte de uma matriz Interacionista e com base Marxista.

Quanto às atividades propostas na Unidade, é importante que você realize todas com afinco e determinação. Teste seus conhecimentos respondendo às questões sugeridas, observe o que você já sabe e o que precisa ainda saber, e amplie seus conhecimentos lendo o material complementar.

Tenham um bom estudo e lembre-se em caso de dúvidas, estaremos à sua disposição através do ambiente virtual.

Até mais e bons estudos.

Atenзго

Quanto as atividades propostas na Unidade, й importante que vocк realize todas com afinco e determinaзго. Teste seus conhecimentos respondendo as questxes sugeridas, observe o que vocк jб sabe e o que precisa ainda saber, e amplie seus conhecimentos lendo o material complementar.

Contextualização

Para o momento de contextualização sugerimos que você assista ao vídeo do educador Rubem Alves e reflita sobre o papel do professor na escola. Pense a respeito da importância do professor no processo ensino-aprendizagem.

O vídeo encontra-se no seguinte endereço:

http://www.youtube.com/watch?v=_OsYdePR1IU

Em seguida, assista ao vídeo documentário do grande educador brasileiro Paulo Freire que questiona sobre a quem se destina a educação? E sobre a identidade do professor.

O vídeo encontra-se no seguinte endereço:

http://www.youtube.com/watch?v=Ul90heSRYfE

Outra interessante contextualização é o artigo da revista eletrônica de ciências da educação, da professora Christiane Burkert Teixeira. Como informa o título "Ressignificação da identidade do professor na formação docente", a autora apresenta como objetivo essa reflexão.

O Artigo encontra-se no seguinte endereço:

http://revistas.facecla.com.br/index.php/reped/article/view/524

Introdução

Ao focarmos na identidade do professor nos deparamos com algumas informações importantes sobre o ofício de ser professor, entre elas, destacamos a relação identidade X formação e a pouca pesquisa referente à temática. A pesquisa sobre o Estado da Arte da formação do professor brasileiro realizada por André, Simões, Carvalho e Brzezinski (1999), apresenta a seguinte afirmativa:

saiba

O tema identidade e profissionalização docente é pouco explorado no conjunto das pesquisas, configurando menos de 10% do total das 284 dissertações e teses defendidas, mas emerge com certa constância nos últimos anos. Os conteúdos que se destacam nesse grupo de estudos são a busca da identidade profissional e as concepções do professor sobre a profissão. Aspectos relacionados às condições de trabalho do professor e aos movimentos de sindicalização e organização profissional aparecem só nos últimos anos, mas ainda de forma muito tímida. Questões voltadas a saberes e práticas culturais, gênero e raça são raramente estudadas. André, Simões, Carvalho e Brzezinski (1999, p. 302).

O trecho citado mostra-nos como é importante indexarmos o tema Formação ao tema Identidade pedagógica e a necessidade latente de pesquisarmos mais sobre a temática.

Com essas primeiras palavras, faremos a introdução da unidade refletindo sobre a formação do professor. O que a formação do professor tem haver com sua Identidade Profissional? Como formamos nossa Identidade Pedagógica? Faremos alguns apontamentos históricos a respeito da formação do professor brasileiro.

Apontamentos Históricos sobre a Formação do Professor Brasileiro

Até serem expulsos do Brasil, os Jesuítas dominavam a educação nacional. Em 1835, período Imperial brasileiro, é inaugurado na cidade de Niterói o primeiro curso de formação de professores, denominado de **Curso Normal**. O curso apresentava como característica a tendência de uma escola para elite, formando professores para elite, e que apenas aceitavam alunos do sexo masculino.

Nestas condições, fica claro que a verdadeira demanda educacional brasileira não era atendida, pois a grande maioria da população era pobre e poucos eram alfabetizados. Segundo o Mapa do Analfabetismo no Brasil (2003), chegamos ao final do Império com apenas 1,8% da população que sabiam ler e escrever.

No período republicano, a profissionalização do magistério é, ainda, tímida, recebendo pouco apoio governamental. Era necessário redefinir o papel do professor na sociedade brasileira, que se industrializava e abria portas para uma economia capitalista, consequentemente, sua formação também deveria ser repensada.

Com a consolidação do Estado Novo, a constituição de 1937, estabelece como competência da União: "fixar as bases e determinar os quadros da educação nacional, traçando as diretrizes a que deve obedecer a formação física, intelectual e moral da infância e da juventude" (art. 15, inciso IX). Os desdobramentos legais de decretos e legislação educacional fixam normas para a formação do professor, assim, consolidam o Curso Normal em nível secundário profissionalizante.

Em 1945 com o fim do regime político do Estado Novo, período que foi caracterizado pela centralização do poder, nacionalismo exacerbado, anticomunismo e por seu autoritarismo. De acordo com Decreto-Lei 8530, de 02/01/1946, o Ensino Normal tinha por finalidade duas frentes: à primeira cabia prover a formação do pessoal docente necessário às escolas primárias; habilitar administradores escolares destinados às mesmas escolas; à segunda, desenvolver e propagar os conhecimentos e técnicas relativas à educação da infância.

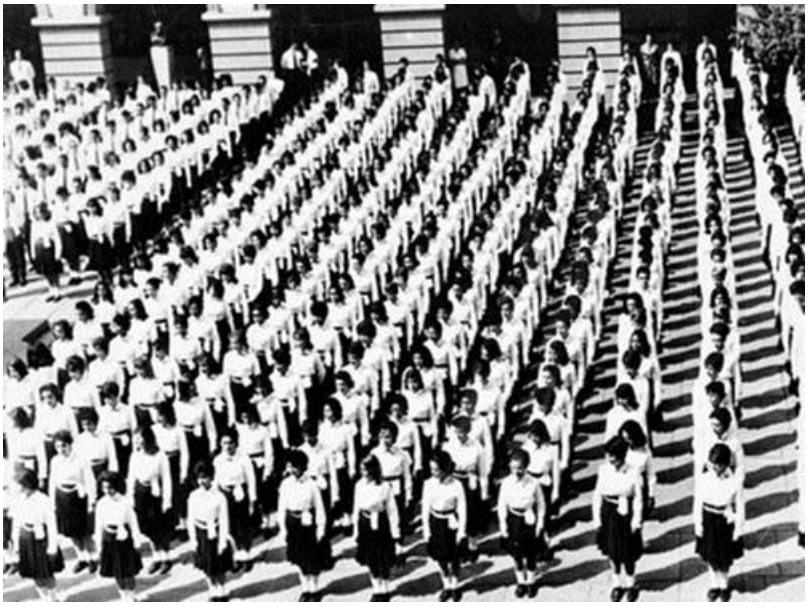
Além da questão técnica e legislativa devemos considerar o que significa ser professor neste período. Observamos um universo "Romântico" de ser professor, havia, certamente, de ser professor era possuir certo status social. Ser professor significaria respeito e ascensão social. Então, observamos que a classe pobre e feminina brasileira encontraria na profissionalização uma saída para a mudança de classe economicamente mais estável. Leia um trecho da música gravada por Nelson Gonçalves em 1949, perceba o universo romântico em que está inserida a Normalista.

Normalista

Vestida de azul e branco
Trazendo um sorriso franco
No rostinho encantador
Minha linda normalista
Rapidamente conquista
Meu coração sem amor...

Além deste romantismo ingênuo pertencente à época, observamos que a classe feminina predominou nos cursos da modalidade Normal, para formação de professores. Nestas condições, os professores são atraídos a se profissionalizarem, a fim de atenderem as demandas pela educação primária cada vez mais procurada pela classe pobre. Demanda que não foi atendida, porque chegamos em 1960 com 39,7% da população acima de 15 anos analfabetas segundo a tabela 2 do Mapa do analfabetismo no Brasil (2003).

Do ponto de vista técnico legislativo, a formação oferecida por essa modalidade de ensino apresenta-se marcada pela dicotomia: formação para a sala de aula e formação para a gestão escolar, características dos cursos superiores de pedagogia atuais. Observe a imagem a seguir.



Fotógrafo desconhecido, ano 1963, Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

Fonte: http://www.brasil.gov.br/galeriadearte/arquivo-nacional-rio-de-janeiro-rj/normalistas

Observe a massa feminina presente na formatura de Normalista de 1963. Assim chegamos ao Brasil pré-golpe militar sofrido em 1964. A educação profissional, neste período, vai sendo consolidada atrelada ao desenvolvimento econômico capitalista industrial em processo de aceleração e que, consequentemente, exige formação de demandas para atender as suas exigências. E dando oportunidade de profissionalização aos menos favorecidos. Neste período não houve grandes mudanças na formação de professores.

Com a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: LDB Nº 9394/96, uma nova configuração de formação de professores se estabelece, segundo a lei:

Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal. [...]

Art. 63. Os institutos superiores de educação manterão:

I – cursos formadores de profissionais para a educação básica, inclusive o curso normal superior, destinado à formação de docentes para a educação infantil e para as primeiras séries do ensino fundamental; [...]

Assim, além do curso de formação de professores da Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental denominado Pedagogia, temos a possibilidade de um curso Normal Superior.

O curso Normal Superior é de graduação e foi criado no Brasil para substituir o curso técnico de magistério, desenvolvido no segundo grau e atualmente nomeado de Normal Médio. Apesar da semelhança à Pedagogia, tal curso não habilita para a gestão escolar, orientação educacional ou supervisão escolar, sua habilitação se refere à licenciatura em Educação Infantil e ao magistério do Ensino Fundamental I.

De forma geral, estes cursos propõe a formação de um Professor que articule no seu desempenho os saberes que definem sua identidade profissional. Além do saber referente a conhecimento dos conteúdos da formação, o Professor deverá articular um **saber pensar,** para refletir sobre a própria prática em função da teoria estudada, e um **saber intervir** para melhorar ou transformar sua própria prática. Desta forma, formação profissional está intimamente ligada à construção de uma Identidade Pedagógica.

O Professor em Construção: Descobrindo Identidades

Tendo como base o clássico livro de Glória Pimentel (1996), cujo título é "O professor em construção", vamos refletindo; pensando em como nos tornamos professores. Mais especificamente, o que é ser professor.

Ser não é o mesmo que estar... Óbvio? Não tanto como pensamos. Ser é assumir posições e atitudes que nos identificam perante o mundo e, mais especialmente, a nós mesmos. É possuir um referencial que nos permita a consciência do real em tudo que nos cerca e nos dá a condição de saber do nosso existir.

A título de curiosidade, em Psicologia um dos graves transtornos de identidade é a conhecida "esquizofrenia", cujo portador não tem quaisquer condições de perceber-se enquanto ser corporal e psicológico. O esquizofrênico, inclusive, não se reconhece no espelho; acha que é outra pessoa e desconhecida. Não reconhece os seus papéis sociais enquanto ser e não os desempenham por ausência de motivos para fazer. Não sei quem sou e, consequentemente, fazer o quê e para quê?

Assim, ter uma identidade não representa algo simples para existência de uma pessoa, tem a ver como a sua própria organização em tempo e espaço, consciente do que faz e pensa, dentro de uma lógica que justifique suas proposições tanto em nível pessoal quanto localizada em coletivo.

Não ter uma identidade representa estar "solto" no mundo à mercê de outros que se tornam responsáveis pelo incapaz. Matamos e morremos, ou outros tantos atos, sem saber o que se faz ou fez. Causamos e não percebemos que somos a causa e tampouco entendemos os efeitos em si e nos outros. Não ter identidade é ser um ser perigoso do universo pessoal e social.

Para Pensar

Imaginem um profissional sem identidade. O médico que não sabe que o é, um engenheiro nas mesmas condições, dentistas, controladores de máquinas etc. Iríamos nos sentir seguros nas "mãos" desses sujeitos?

E quanto ao professor? Teríamos sentimentos de amparo diante de um "esquizofrênico" pedagógico? O que será que ocorreria em sala de aula e nas escolas?

Achou pesado? Temeroso? Pois é o quê temos ultimamente nos domínios da educação e em todos os níveis.

Variadas pesquisas buscam compreender como a identidade se organiza e, principalmente, nos tempos atuais, compreender a construção da identidade profissional, para nós, especialmente, a do professor (Adão, Martins, Lopes, Teodoro, Tardif, Nóvoa e outros). A dificuldade que a escola enfrenta na resposta às mudanças sociais que se registram tem conduzido ao que alguns autores designam por crise da escola, inserida naturalmente numa crise mais global que atinge outras estruturas com responsabilidades educativas. As profundas alterações na sociedade atual têm provocado efeitos profundos nas políticas de educação e a criar para o trabalho docente contextos novos de grande complexidade, com implicação na (des)motivação dos professores, nomeadamente, no que diz respeito ao seu desempenho profissional.

O ensino é agora a chave para novas formas de aprendizagem, para o incremento de indicadores e níveis de sucesso educativo, para o aumento da receptividade por parte dos alunos, para os novos e flexíveis procedimentos de trabalho, para outra atenção aos problemas de formação e do desenvolvimento profissionais. Com esta mudança do sentido da educação escolar, estão necessariamente a emergir novas identidades do professor, relacionadas com seus papéis e a identificação do trabalho na escola. (ADÃO; MARTINS, 2004, p. 9-10).

Percebemos que, além da grande dificuldade de se construir uma identidade própria, a identidade enquanto profissional – e da educação – o ser professor tem uma ligação estreita com a consciência do mundo e suas transformações, que exigem tomadas de decisões e ações rápidas, seguras, lógicas e que promovam o bem-estar próprio e dos outros.

Pense

Georges Gudsdorf, em seu clássico livro de 1987, "Professores para quê? Questiona qual o real papel de um professor na relação com seus alunos e com a sociedade; e o quê fazer para superar ser um mero repetidor ou um ignorantista? O que fazer para que o professor não seja substituído por um livro ou pelo rádio ou pela TV e outros meios de comunicação – hoje: a internet?"

O que afinal é **SER** professor? Quando? Como? Para quê?

Paulo Freire, em diversos momentos estabelece que, ser professor, tenha a ver com o compromisso que se assume em contribuir amorosamente para conscientizar pessoas e fazê-las emancipadas, no sentido lato da democracia. Ser educador-professor é libertar pessoas pela via da proposição de conteúdos reais e diálogos animadores para o debate sobre a vida e como torná-la significativa e qualitativa. Propondo a superação de pensamentos fantasiosos e as falsas crenças que limitam e alimentam ideologias da escravidão.

Paixão Netto (2001) lembra-nos que professor é uma palavra que vem do latim e significa aquele que fala (fateor) aberta e francamente diante de um público (pro) aquilo que pensa, acredita e defende como a própria condição de ser. Defende ele:

> Um professor é sobre tudo um indivíduo íntegro, autêntico, confiável. Um ponto de referência para seus discípulos. É o que fala com convicção, sem rodeios. Professor não ventríloquo nem porta-voz ou porta-mentira. Não é aquele que "dá a matéria". É aquele que incentiva a pensar. (p.19)

Ser professor, então, exige esforços ligados ao propósito de mostrar-se, colocar-se, de assumir posições perante si e ao mundo. Obriga a "agir na urgência e decidir na incerteza" (PERRENOUD, 2001). Portanto, a consciência e faz como condição idearia em uma performance de consciência absoluta do ser – identidade; em contrário não há afirmação de posições e tampouco convicções do pensar e do fazer – morre-se como pessoa e como profissional.

O importante é SER e defender o que se é; do que ser coisa nenhuma e não ter existência própria e definida, vivendo por viver como mero "zumbi", por forças alheias e desconhecidas. (SAVIANI).

Identidade Docente: Alguns Elementos Construtivos

De acordo com Abreu e Landini (2004), identidade docente é um conceito complexo, problemático, múltiplo e que abarca uma enorme gama de fatores tanto no âmbito da própria profissão como no âmbito social e político. Defendem:

> O construto identidade docente é, acima de tudo, um conceito poliédrico. Os aspectos que deve incluir essa identificação são numerosos e diversos e não só se referem às funções incluídas na atividade docente mas também às condições sociais em que se produzem e ao plano jurídico e regulamentar que as condiciona. Mas, para além disso, é um conceito problemático, porque os múltiplos aspectos que convergem na sua definição apresentam-se normalmente de forma contrária. Sua complexidade externa impede de abordar todos os seus aspectos [...] (p. 356).

Desta forma, ao tocamos em aspectos relacionados aos elementos que compõem a construção da identidade do professor, precisamos eleger, prioritariamente, aspectos considerados como basilares para contribuir com a reflexão e a elaboração de modo explicativo desse fato.

Assim priorizamos:

a) Identidade coletiva e identidade individual

Coletivamente, há modelos sociais considerados válidos e que fornecem elementos de interpretação e que facilitam a incorporação de papéis que, supostamente, respondem ao que é esperado como perfil docente. Há o corporativismo que garante a construção de um protótipo da população docente e que garantem a aceitação e o sentido de pertencimento no contexto que milita. É a tentativa de se obter uma autoimagem satisfatória de si mesmo (TAJFEL; TURNER, 1979).

Individualmente, consiste na significação e percepção que o sujeito tem do seu próprio trabalho e está relacionada com a maneira peculiar que o sujeito interpreta os retornos de suas ações no coletivo. O sujeito observa os efeitos de sua ação docente e constrói, em seu imaginário, hipóteses, teorias, elementos de julgamento e valorização para o seu processo de ensinar, sobre a escola, alunos e todos os elementos implicados no autoreconhecimento e, principalmente, na sua diferenciação quanto aos demais professores.

É firmar-se enquanto alguém que, mesmo pertencendo a um grupo corporativo, não se perde enquanto mais na massa profissional. Tenta-se buscar a consciência de si e sentir-se enquanto real.

b) As distintas identidades: as opções educativas individuais

Não existe uma identidade pedagógica universal mesmo que tenhamos leis ou regulamentação do Estado para o ensino em teorias específicas sempre haverá a capacidade de o sujeito fazer interpretações. É sua participação e envolvimento com o que existe no contexto educativo vai orientando-o para rumos que supostamente dão a ele maior conforto em encontrar-se e sentir-se como alguém que produz e aplica teorias e métodos que garantem sucesso e aliviam a tensão. Agir conforme o que acredita dá ao sujeito retornos que o fazem firmar-se enquanto liderança e sensação de ser senhor do seu próprio espaço. Porém, há o risco de, em se afastando do contexto coletivo, cair em ações isoladas e solitárias, a ponto de esgotar-se por ausência de renovação e espelho para o feedback necessário ao fortalecimento de sua existência real. Para fortalecimento da identidade cabe o balanço entre semelhanças e diferenças do contexto.

c) A história de vida a e construção da identidade docente

Não há professor que se forme por normas rígidas pré-estabelecidas ou por aparição episódica. Ele se constrói paulatinamente em um movimento constante e contínuo ao longo de sua existência primeiro como pessoa e, depois, na própria prática profissional.

Temos ao longo de nossa vida uma gama enorme de experiências com supostos professores (mãe, tia, irmão, vizinhos) e com os efetivamente ditos ao longo de nossa escolarização. Todos com algum tipo de exemplo que influenciam a maneira de significar o que seja educar e ensinar.

Assim, a construção da identidade do professor se faz por elementos estabelecidos em relação dialética da pessoa com a sociedade, em momentos da história e da cultura. Há uma projeção, ao mesmo tempo, quantitativa e qualitativa que impulsiona para que a identidade não seja fixada e sim em permanente aperfeiçoamento.

De certo modo, a identidade deixa de ser o que permanece, o intrínseco ou o estrutural, para incluir também o conjuntural ou a capacidade para destruir, como sejam necessárias, as certezas do estrutural. A identidade requer, assim, uma atualização constante que contradiz sua imanência e a sua permanência (Santana,2004, p. 363).

Nóvoa, Hubermam e Tardif são teóricos que defendem e acreditam que discutir a identidade profissional dos professores e suas identidades pedagógicas representam um grande avanço no sentido de superar escolas e professores ativistas que fingem que possuem ações efetivas, no entanto não assumem qualquer posição no cenário educativo, deixando que tudo aconteça como obra do acaso.

A responsabilidade e o compromisso com o ato de ensinar requerem pessoas despojadas, corajosas, íntegras e autênticas que assumam posições firmes e conscientes, entendendo que em suas mãos pode estar o futuro dos seus aprendizes, mas e, principalmente, a sua sobrevivência harmônica e equilibrada no contexto do qual também faz parte.

Ser professor do século XXI: implicações para a formação de identidade.

Considerando o que defende Sacristán (2007) em "A Educação que ainda é possível", cabe-nos considerar que na sociedade atual, ligada aos processos de globalização e tecnologias de informação, um primeiro passo é possibilitar ao professor (ou futuro professor) ter a consciência do estado da coisa, ou seja, conhecimento da realidade em todos os setores da existência humana em sociedade, incluindo saber da crise ideológica e mercadológica da educação e da escola.

Não podemos mais sustentar uma educação alheia às necessidades do sujeito e das suas condições de existir. Conscientizá-lo, inclusive, sobre a sua posição neste universo e como está sendo treinado para responder aos interesses que não lhe são significativo enquanto pessoa que tem capacidade de ser e pensar; participando ativamente das decisões de seu contexto na real concepção de cidadania.

Também, na conscientização, que haja discussão dos conflitos das dissonâncias percebidas nos setores social, político, econômico, cultural e as condições implicadas na educação. Dialogicamente (FREIRE, 1977), despertar a vontade da participação como referência para SER; é na ação motivada que será possível encontrar saídas para a crise do sistema global (principalmente escolar/educacional).

Concretamente, é afirmar a relação indivíduo e sociedade, porém em uma sociedade que é possível: não utópica e não negada. Trata-se de utilizar reflexões para ações pautadas em projetos que visam a negociações e aproveitamento do que é posto como realidade imediata.

Informação

Hoje, temos de ser modestos e pensar que nem as esperanças devem ser supervalorizadas nem o fracasso ou crise generalizada. Onde está o ponto até onde podemos chegar à imaginação de esperanças e a partir do qual as aspirações levam à frustração? Nunca sabemos com certeza. Portanto, é preciso se arriscar a incrementar o nível de aspirações para aproveitar as possibilidades que possam aparecer. Se a política é a arte do possível, a educação e as suas reformas também o são. (SACRISTÁN, 2007. p. 156).

> Vontade e esperança são elementos que permeiam a consciência e a fazem potencializar-se em termos de projeção para mais e para frente, constituindo fatores que reafirmam a existência e, consequentemente, firmam posturas, atitudes e o autoreconhecimento de um EU objetivado em identidade. (FREIRE, 1977)

Somos e nos reconhecem como tal pela maneira de nos apresentarmos frente ao mundo e aos outros, autenticamente, convicto e integro.

A Definição de Funções e Papéis

Sacristán sustenta que as funções dos professores são conhecidas e possíveis na teoria, porém, na prática, o seu papel, muitas vezes é restringido ao mero exercício de ensinar (e olhe lá!). Para ele, esse empobrecimento está diretamente ligado a concepções idealistas e a um reducionismo de ações como mecanismo de defesa para responder às necessidades de uma adaptação ao sistema de forma geral.

Assim sendo, papéis e funções do professor (identidade) são confusas e pouco compreendidas enquanto projeto de desempenho. Temos que seguir a teoria ou improvisar frente ao que temos como real? Qual a condição de poder ter certeza da boa atuação profissional? São perguntas cujas respostas não são simples e fáceis.

Em termos de indicação, cumpre dizer que a teoria é a base concreta, no entanto a ação deve ser construída de forma a responder ao que se projeta como o melhor e mais coerente para atender demandas tanto de si (individual) quanto coletiva (alunos, escola, comunidade, legislações, currículo etc.).

Trata-se da difícil prática de "agir na urgência, decidir na incerteza" (PERRENOUD, 2001). É a ação com competência e lógica que não está escrita em nenhum livro ou em qualquer academia para formação de professores.

Trata-se da posição tomada pelo professor no contexto de atuação considerando tudo e extrapolando mecanismos legais e códigos de ética, pois representa explicitamente o compromisso pessoal de cada um.

Dado o compromisso estabelecido consigo e que visa, também, aos outros. Minha identidade como sustentáculo de ações sobre mim e o mundo, temos que SER professor não é uma profissão/trabalho para quem quer, mas para quem está integralmente preparado.

> Para ser respeitado, é preciso se fazer respeitar, para enfrentar situações novas é preciso primeiro conhecê-las, para atrair cultura é preciso ser atraente comunicando-a, para ser apreciado como alguém valioso deve mostrar a utilidade do serviço que presta. Tudo isso exige professores motivados por seu ofício, bom conhecedor do mundo em que vivemos, dos jovens, seguros de si mesmo, que saiba converter em cultura viva os conteúdos e, em procedimentos racionais, os métodos de ensino e as exigência dos estudantes. Ou seja, são necessários professores cultos, bem formados, com vocação e equilibrados. (SACRISTÃN, 2007. p. 171).

O Compromisso Social consigo e com outros Agentes.

A escola e os professores não estão isolados no processo de educar; outros agentes são necessários para que o trabalho, de formação dos sujeitos, seja levado a efeito.

Família e Comunidade são elementos que, quando integrados à escola, funcionam como suporte e reforço para os ensinos desenvolvidos e facilitam a compreensão das condições das vivências e necessidades reais.

Para as camadas populares, em escolas públicas essencialmente, muitas vezes o professor precisa atuar como um agente comunitário orientando e coordenando comunicações para evitar a disparidade entre o que prediz a escola e o que necessita a família e a comunidade.

Não existe concorrência entre o interior escolar e o exterior, comunidade social; deve existir mútua cooperação no sentido de que todos são importantes peças de uma totalidade que negocia o bem viver e a sustentação de ações ideárias para possibilitar significações das relações estabelecidas.

Escola, família e comunidade, nas ações do professor como função própria e solidária para compor o compromisso de fazer para mais e qualitativamente; responsabilidade assumida como condição pessoal e de firmação de posição de identidade.

Segundo Paulo Freire, o processo de ensinar, que implica o de educar e vice-versa, envolve a paixão de conhecer que nos insere numa busca prazerosa, ainda que nada real.

Material Complementar

Para a complementação de seus estudos, sugerimos a leitura do livro do educador brasileiro Paulo Freire "Pedagogia da Esperança". Freire nos fala de sua Pedagogia da esperança, do papel da educação para a compreensão da história como possibilidade, em oposição à visão pragmática neoliberal de futuro como implacável. Os professores são, portanto, profissionais da pedagogia da política, da pedagogia da esperança. Leia com atenção para complementar seus estudos.

FREIRE, P. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

O livro também pode ser baixado gratuitamente pela internet no seguinte endereço eletrônico:

http://www.elivros-gratis.net/livros-gratis-paulo-freire.asp

Outra interessante complementação é o artigo da professora Acácia Zeneida Kuenzer: "As políticas de formação: A constituição da identidade do professor sobrante", em seu texto a autora demonstra que as políticas de formação inviabilizam a construção da identidade do professor como cientista da educação para constituí-lo como tarefeiro, dada a desqualificação de sua formação.

O Artigo encontra-se no seguinte endereço:

http://www.scielo.br/pdf/es/v20n68/a09v2068.pdf

Referências Bibliográficas

ABREU, C. B. M. e LANDINI, S.R. **Proletarização e profissionalização:** questões sobre a identidade docente. In: ADÃO, A. e MARTINS E. (org.) Os professores: identidades (re) construídas. Portugal, Lisboa: Universitárias Lusófonas, 2004, p. 345-353.

ANDRÉ Marli, SIMÕES Regina H. S., CARVALHO Janete M., BRZEZINSKI Iria. **Estado da Arte da Formação de Professores no Brasil.** IN: Educação & Sociedade, ano XX, nº 68, pag. 301 a 309. Dezembro/1999. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/es/v20n68/a15v2068.pdf. Acesso em: 15/04/2012.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – 5. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010. Disponível em: http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/2762/ldb_5ed.pdf. Acesso em 15/04/2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. **Mapa do analfabetismo no Brasil.** Brasília, DF: MEC/ INEP, 2003. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/estatisticas/analfabetismo/>. Acesso em 13/04/2012.

FREIRE P. **Educação e mudança**. Paz terra, São Paulo, 1983.

GUDSDORF, G. **Professores para quê?** Para uma pedagogia da pedagogia. São Paulo, Martins Fontes, 1987.

PAIXÃO NETTO, J. Dia do professor. In: CONTE, V. A. e PASCALE, R.(org.) **Crônicas ao professor.** São Paulo: Paulus, 2001, p.18-25.

PERRENOUD, P. **Ensinar:** agir na urgência, decidir na incerteza. Porto Alegre: Artmed, 2001.

PIMENTEL, **O professor em construção.** Campinas. S.P.: Papiris, 1996.

SACRISTÁN, J. G. **A educação que ainda é possível.** Ensaios sobre uma cultura para a educação. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SANTANA, M. R. **Bem estar/mal estar na profissão docente.** Ambiguidade, incerteza e outras patologias da identidade docente. IN: ADÃO, A. e Martins E. (org.) Os professores: identidades (re)construídas. Portugal, Lisboa: Universitárias Lusófonas, 2004, p. 355-356.

SANTOS, M. M. V. Ser professor – hoje – a problemática da satisfação/insatisfação. In: ADÃO, A. e Martins E. (org.) **Os professores: identidades (re)construídas.** Portugal, Lisboa: Universitárias Lusófonas, 2004, p. 379-386.

Anotações

Campus Virtual
Cruzeiro do Sul
Educação a Distância

www.cruzeirodosulvirtual.com.br
Campus Liberdade
Rua Galvão Bueno, 868
CEP 01506-000
São Paulo SP Brasil
Tel: (55 11) 3385-3000

Universidade Cruzeiro do Sul

Módulo Centro Universitário

UDF Centro Universitário

UNICID Universidade Cidade de S. Paulo